

104200

ARRIVED
584413

Paradiso

Compendio

Phantasia Dramatica

de



H. L. de Azevedo

Eduardo Américo
Martins

Cod.
12243

COMPRA

284417

Personagens

Don Estevão

Donna Velha



Acto Terceiro

(Salta em um velho castelo arruinado. Paredes holorentas e escalarvadas. Uma mesa cheia de livros, instrumentos scientificos etc. Um candeeiro de latão em cima d'ela, dá luz a scena. Sentado junto a mesa um rapaz de vinte e tantos annos estuda atterramente.)

Scena I

O Estudante (depois de um silencio erguendo a cabeça)

Estudar para quê? Lá fora os campos

Rebem os raios do luar
E nas sombras do bosque, os pyrilampas
São como as luzes d'um altar;
Eu solitario na abstinencia,
Da vida livre, urge que estude
E nos abrochos da sciencia,
Lacere a minha juvenude!
(Sevanta-se)

Estas fauces - que escalam a
A mão do Tempo, humida e ne-
gra.

Nunca somente uma palavra
De armar as luja ou as alegria,
Nem a coporte escusa e tísica,
Comigo habita entre miasmas.
Vadam-me o craneo esses phantas-
mas.

Algebra! Historia! Metaphysica!
E pelo mundo acima, longe do meu
deserto.

A humanidade foge e rugge, e que
voar!

Nos cius! Ah! fodesse eu ter voz
n'esse concerto.

Se orda n'esse mar!

(Pausa)

Offas ao destino hei de ceder,
Quero fugir, não me resolveo
Como as tentaculos de um polvo
Tremdem-me, as arceas do saber
Sciencia! eis tu, mysteriosa esphynge
Offagrete que me arrasta por meu
mal,
Longe de oasis - que esmeralda tin

Do flúido; Arrevelo, que além cinge
a fonte do Ideal

E quando os lábios meus, ardentes, secos
Nem uma gota implorarem que os conforte,
Há-de acordar estes noturnos ecos
Conforto extremo, o gargarhar da morte
(Como bater a porta sobressaltado)

Quem n'estas horas tardas
Vem perturbar-me o sono?
A furia das ventanias,
Ou as asas de um morcego?
(Batem de novo)

Essa mão que bate a porta,
Ou propicia ou malfazeja
Traz aqui vida. Que importa?
Pode abrir quem quer que seja.
(Abre-se a porta. Entra uma velha alcaetli,
nada e tropeça encostada a um lordão)

Nem velha! que poderes?

A Velha

Quero o calor do teu lar?

O Estudante

quem faz e cria - que os duendes
o ele fabricam. Luz
Quem foi - que assim te chamou?

A Vezia

Foi a luz - d'essa candela

O Estudante

Ves - como ela brucolcia?
Foi - quasi - que me cegou!
Ves - quebrar o meu letargo.

A Vezia

Versos aqui matar a fome.

O Estudante

O meu pão e duro e amargo
Emprecocha a quem o come,
Deusa - me uestra, raptiva

A Vezia

Quero apagar esta sede!

O Estudante

Mas a minha água é mephtica
 E do mesqumto que a sede!
 Como o pão negro de Sparta
 E hebe a essencia dos partanos
 A fome aqui não se farta.
 Da sede a chama quebranta nos
 Se a miseria te consome
 Olha a vetusta parede

A Velha

Não é de manjar que ^{tenho} sei fome
 Nem de água que tenho sede!

O Estudante

Deje então: - quaes os desejos
 Que ao teu gelo dão calor?

A Velha

Eu tenho fome de beijos
 E sede tenho de amor.

O Estudante (Beirado)

Ah! velha brusca! de gargalhar
 das
 Me torce a boca tu me do espas-
 mo (Cessa de rir. Com dor pungente)

Tu não rio. São aceradas
 As tuas phrases, como um sarcas-
 mo

Basgam-me as pedras, furta-
 agudo.

Helam-me o sangue, vil resollar

O minha vida, gasta no estulto.

O mocidade, morta a pensar!

(Cae sobre a cadeira e encosta-se a
 meza chorando)

A Voz (puncto the
 a mão no hombro)

Tu não perdes embalde a ju-
 ventude

Com longos textos e sublis prefacios.

A tua razão forte despedaça-os

e a tua phantasia, ardente incende

Veras surgem sob a parca da nude,

D'esses subverberatos cartafacios,

Desse novo mundo de ideias pala-
 cios

eludicações de celicio ataudé.

Cataclismos de afala e de amethys

ta!

Fulgor interesse que afurthala a

vista!
Cór, som, aroma, que melhor te quadre!
Tacas de nectar, ondas de amêndoa!
Leve a sciencia gira na robusta ma-
-deira.

O feto archi-divino da Poesia!

O Estudante

Velha torto, em vozes de ouro
Porque tentas iludir-me?

A Velha

"Para achar esse tesouro"
É mister vontade firme
Terás que divagar nas mil
voluntas
Do labirinto que transporta
aos astros!
Cortar as brechas, desfazer os
mastrais
Leve premedem as verdades abo-
lutas,
Escreve os escombros errados
das luctas,

Entre ruínas lozegas de castros,
Para avivar, da história nos cadas-
tros.

O vestígio das lágrimas escuras,
Escutarás então se perseveras,
O afaz dos mundos pelas amplidões
A música sublime das esferas,
Hão de trazer-te os ecos das nações,
Tela arcaica sem fim das longas eras,
As passadas de extintas gerações!

O Estudante

Que voz a tua! nas notas tremulas,
E vacilantes, minha alma afusca
Como cascata que arasta gemulas
Pelas quebradas de pedra fusca.

A Velha

Não te espantes! no olhar mortico
e morro,
Tendo a luz dos diamantes do Deltan
E sob os gelos invernaes entorno
Vivida a flama de estival manha!
O tronco do silveteiro

Disforme, espinhoso, agreste,
De branca flor se reveste.
E embriaga o frequerivo.
Com seu perfume - celeste,
Seiva opulenta percorre
o seu corpo que se encarquilha;
Ao revez da mansenilha
Dor vinda e alento; não more
Sem a minha sombra partilha!

O Estudante

Sou em ti cujo sorriso
Me encanta e me serena,
Como um vislumbre só do Paraíso
Nas terras da Gebera.

A Velha

Sou a fada imortal que ao mun-
do exaustivo
Influe forca de Anteu
nas torturas do barbaço Holocausto
Corrosivo Prometido
A minha alma verte na alma
de Fausto.

Porém não me entendem
 Levam-me agora ao fastígio
 Os filhos da tua raça
 Dou calor a quem me abraça
 E quem me beija um prodígio!

O Estudante

Inspirações-me terror, fada longeva
 Reconheço o teu casto que seduz
 A mão que estende o fômo flava
 de tua
 E afórta os mundos ao rabi Jesus.

A Velha (com amargura)

Faç-me quem me chamasse arpo
 da tua
 Quando as golfadas espazia a luz.

O Estudante

Embora! lancuos, acate os
 Nas ondas turvas do Letes!
 Fada que encarnas os raios
 Quero beber nos teus lábios
 O prodígio que prometes!

(Dirige se para ella arrebatadamente)

A Verba (detendo-se com um gesto)

Ah! não te iludas! - que o desejo
Não pranza embalde a boca torva!
Lance a perfidia! quero um beijo
Em que a tua alma inteira absor-
va.

O beijo ardente, o subtil osculo,
Luce encosta em chama o coração
E que desfaz, flosculo a flosculo,
A flor vermelha da paixão!

O Estudante (hesitando)

Um beijo assim na tua boca
Luce a mão cruel do Tempo esgarça

A Verba

Freca vacilas, alma esparsa,
do furacão da morte louca!
(Insistentemente)

Terho a chave da porta de um

- céu novo

Com que o nectar do ambiente, e as
lançadas são soas:

Com tunicas de aurora, ali habita
um povo.

De rubios e de heros.

As rochas de topázio e de esmeral-
da.

Inclinam-se, a formar cataclufas
de estufas,

É um catur-de-ebano e rubis desfr
toda

Num lago d'ouro as purpurinas
velas.

Por mar de maravilhas,

A Chusma de arcos n'uma vaga
maria

Descobre as aureas etnas,

Aprôa as plagas de eterna
honanea

São de brilhantes as campinas
raças.

Tem fitas tras de sol vosso alcazar...

Que amorosa, desemerga as yas!

O herbolta, deisca te queimar!

O Estudante

Arcubamento mystica
 Eum phresesis cloudejo
 O baltamo excharistica
 Insupta me nium heijo
 Ideal! por ti choro o meu supremo
 hem.

A Vetha

Vos meus labios o nome e pura a
 prore. Veni!
 (Abracam-se e tocam um
 heijo et vetha transformase immediata-
 mente n'uma fada formosissima em
 vestes alvas adornadas de diamantes e
 flores. Huma luz etherea e mysteriosa
 a illumina)

A Fada

Eis o prodigio!

O Estudante

Olympica

Metamorphose!
 Arde suas chamas retidas!

14
Da apothéose!
Tal arte o excelsa Jupiter
A louca Sêneca,

A Fada

Do genio humano evola-se
A luz - que em mim se vê!
Tal como o estatuário
Sou a vista da sua obra
Tremente o corpo obra,
Mortal! adora e cre!

O Estudante

Cercio doce visão! consolador via-
tico.

O supremo Nêbi!
O Parayzo está no amor crente
e fanático
Sou se consagra a ti!

A Fada

Sou eu que molde a sorridente
ideia,

15.
Na candidiez dos ruyos alabastros,
E o meu braço radiante pateretia
A via lactea que coraduz aos
-astros,

(Abracada ao estudante aponta um
gesto imponente o lado por onde desde a
luz intensa que a harsha)

Uma e pava



Cod.
12243

